



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 27/08/2021 a 02/09/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
27/08/2021	13,59	354,20	61,30	7,18	5,58
30/08/2021	13,04	347,60	60,28	7,08	5,40
31/08/2021	12,98	346,40	59,36	7,06	5,34
01/09/2021	12,77	343,70	58,31	7,01	5,15
02/09/2021	12,79	337,90	59,01	7,04	5,16
Média	13,03	345,96	59,65	7,07	5,33

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	154,00	
RS – Não Me Toque	154,00	
RS – Londrina	154,00	
PR – Cascavel	154,00	
MT – C.N.Parecis	156,00	
MS – Maracaju	152,00	
GO - Rio Verde	155,00	
BA – L.E.Magalhães	155,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	83,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	90,00	
SC – Rio do Sul	90,00	
PR – Cascavel	90,00	
PR – Londrina	88,00	
MT – C.N.Parecis	78,00	
MS – Maracaju	85,00	
SP – Itapetininga	94,00	
SP – Campinas	95,00	CIF
GO – Rio Verde	85,00	
GO – Jataí	84,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	82,00	
PR – Londrina	87,00	
PR – Cascavel	95,00	

Período: 01/09/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/09/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	90,28	159,68	82,57

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/09/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	76,17
Feijão (saco 60 Kg)	253,82
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,16
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,25**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,57

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, para o primeiro mês cotado, sofreram forte recuo nesta virada de mês. O bushel da oleaginosa voltou à casa dos US\$ 12,00, fechando a quinta-feira (02) em US\$ 12,79, contra US\$ 13,67 uma semana antes. Ou seja, em cinco dias úteis o mesmo perdeu quase um dólar. Por sua vez, a média de agosto, pelo terceiro mês consecutivo, recuou, perdendo 3,7% em relação a julho, para se estabelecer em US\$ 13,71/bushel. Em agosto do ano passado esta média foi de US\$ 9,04/bushel.

Enquanto a qualidade das lavouras estadunidenses de soja, no dia 29/08, permanecia com 56% entre boas a excelentes, contra 66% um ano antes, outros 29% se apresentavam em condições regulares e 15% entre ruins a muito ruins, sendo que 93% das lavouras estavam em fase de formação de vagens.

Dito isso, o clima, com o retorno das chuvas nas regiões produtoras estadunidenses, foi o grande causador da derrubada dos preços. Ao mesmo tempo, o furacão Ida, que trouxe chuvas, igualmente causou enormes problemas logísticos junto aos portos de embarques no Golfo do México. Com isso, a logística de exportação estadunidense ficou comprometida, levando a China a direcionar, momentaneamente, mais compras no Brasil, embora com valores mais elevados. O furacão, já em nível de tempestade tropical, ao atingir a Lousiana comprometeu o terminal de grãos da Cargill, causando danos significativos, não havendo prazo para a retomada das operações. O furacão teria interrompido 60% da capacidade estadunidense de exportação de grãos. (cf. Agroinvest) No curto prazo isso tende a favorecer o Brasil, pois o restante da soja nacional será ainda mais procurada. Lembrando que neste mês de setembro a colheita de verão se inicia nos EUA e os terminais de embarque são fundamentais. Além da Cargill, a ADM e a Bunge igualmente estão avaliando possíveis estragos em seus terminais portuários. (cf. Bloomberg)

Pelo sim ou pelo não, o fato é que diante deste conjunto de notícias, as cotações da soja recuaram fortemente nesta semana.

Mesmo assim, nas últimas três semanas os EUA exportaram 3,3 milhões de toneladas de soja, se mostrando mais competitivos do que o Brasil, fato que deverá durar até a nova colheita brasileira. Todavia, os estragos provocados pelo Ida momentaneamente recolocam o Brasil na competição por este mercado. Lembrando que a China precisa ainda de 20 milhões de toneladas, até o começo de 2022, para ficar abastecida. Recuperados os estragos do furacão, a soja dos EUA voltará a ser mais procurada neste período.

Já no Brasil, além do forte recuo em Chicago, igualmente a revalorização do Real, que voltou a bater ao redor de R\$ 5,16 durante a semana, puxou para baixo os preços da soja. A média gaúcha na semana ficou em R\$ 159,68/saco no balcão, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 152,00 e R\$ 156,00/saco.

Ao mesmo tempo, apesar do retorno de chuvas no Rio Grande do Sul, os produtores do Centro-Sul brasileiro estão preocupados com o clima, muito seco já há alguns meses, e o forte aumento nos custos de produção, que não param de subir.

Neste sentido, para o Estado gaúcho, a Fecoagro atualizou seus cálculos e apontou, no final de agosto, que o custo total de produção teria subido 48,4% nesta safra, enquanto no desembolso o aumento é de 53,4%. Assim, para pagar os custos totais da lavoura o produtor precisará de 35,6 sacos/hectare para equilibrar os gastos, ou seja, um aumento de 13,7% na relação de troca sobre a safra passada. Isso se a safra for normal e os preços se mantiverem ao redor de R\$ 150,00/saco. O custo total da soja gaúcha, na média, será de R\$ 5.408,23/hectare, considerando a produtividade média de 60 sacos por hectare, segundo ainda a Federação. É importante lembrar que, na safra passada, quando o Rio Grande do Sul bateu um recorde de produção de soja, a produtividade média do Estado ficou em apenas 55,5 sacos/hectare. (cf. Conab)

Dito isso, a produção brasileira de soja, na nova safra 2021/22, continua sendo projetada entre 142 e 144 milhões de toneladas, desde que o clima auxilie. Isto seria entre 6 a 8 milhões de toneladas acima do colhido na última safra, conforme a Conab.

Assim, chama a atenção, diante da atual realidade de mercado e sua tendência, que os produtores brasileiros de soja estejam segurando as vendas, esperando preços ainda mais elevados. Alguns consideram que se houver problemas climáticos sobre as lavouras brasileiras, diante da possibilidade de um fenômeno La Niña em nosso próximo verão, os preços da soja tendem a disparar. Uma decisão de grande risco, diga-se de passagem.

Segundo Safras & Mercado, no Paraná e Rio Grande do Sul os produtores, no início de agosto, ainda teriam 12,4 milhões de toneladas da última safra para vender. Com isso, os estoques de soja na região Sul do país, neste momento, estão acima do esperado. Ora, se isso não for escoado antes da nova colheita, e esta última vier normal, haverá pressão negativa sobre os preços internos caso Chicago e o câmbio se estabilizem nos atuais patamares. No Rio Grande do Sul, até o dia 06/08, 62% da safra passada havia sido comercializado, contra 73% na média histórica. Já no Paraná, as vendas atingiam a 78%, contra 80% na média. Quanto à safra futura, espera-se que os dois Estados colham juntos um total de 42,2 milhões de toneladas, sendo que apenas 12% havia sido comercializado antecipadamente até o início de agosto. No ano passado, nesta época, os gaúchos já haviam vendido 27% da safra, enquanto os paranaenses atingiam a 45% do total esperado para a colheita.

Em paralelo, as exportações brasileiras de soja, em agosto, somaram 6,5 milhões de toneladas segundo a Secex. No ano anterior, o volume exportado em agosto atingiu a 5,8 milhões de toneladas. O valor médio da tonelada neste ano chegou a US\$ 485,80, contra US\$ 353,60 em agosto de 2020. Ou seja, houve um aumento de 37,4% no período. Com isso, no acumulado de 2021 (janeiro a agosto), o Brasil já exportou 76,5 milhões de toneladas de soja, contra 74,5 milhões no mesmo período do ano anterior. Já o complexo soja atingiu a 90 milhões de toneladas, contra 87,8 milhões nos oito primeiros meses de 2020. Assim, entre janeiro e agosto do corrente ano o Brasil já exportou 12,3 milhões de toneladas de farelo e 1,2 milhão de toneladas de óleo de soja. Como no caso do grão, estamos diante de volumes recordes em 2021.

Para setembro é possível que as exportações ainda sejam importantes, especialmente diante do problema nos portos dos EUA, provocados pelo furacão Ida, porém, a tendência é a demanda interna ser mais forte, acirrando a disputa pela soja que resta.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente recuaram neste início de setembro. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (02) em US\$ 5,16, contra US\$ 5,52 uma semana antes. A média de agosto acabou fechando em US\$ 5,52/bushel, perdendo 8,8% sobre julho e registrando seu terceiro recuo consecutivo mensal. Em agosto de 2020 a média foi de US\$ 3,25/bushel.

Nos EUA, as condições das lavouras, às vésperas da colheita do cereal, ficaram em 60% entre boas a excelentes no dia 29/08, outras 26% estavam regulares e 14% ruins a muito ruins.

O retorno da chuvas na região produtora estadunidense, em boa parte graças ao furacão Ida, foi positivo para boa parte das lavouras semeadas mais tardiamente nos EUA. Com isso, as cotações do milho cederam, acompanhando as da soja.

E aqui no Brasil, os preços se estabilizaram, apresentando viés de baixa sob pressão da colheita da safrinha, mesmo que esta venha com enormes quebras. A média gaúcha ficou em R\$ 90,28/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 78,00 e R\$ 94,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) ficou em R\$ 95,00. Já na B3, após quatro dias consecutivos de queda, os preços do milho iniciaram o pregão de quinta-feira (02/09) com leves altas. O vencimento setembro/21 estava em R\$ 90,76/saco, enquanto novembro ficava em R\$ 90,79, janeiro/22 em R\$ 93,00 e março em R\$ 93,14/saco.

Os produtores da safrinha estão procurando vender rapidamente o milho colhido, visando fazer caixa para pagar despesas e aproveitar os elevados preços. Essa maior oferta acaba puxando para baixo os preços do cereal.

De fato, a colheita do milho segunda safra, no Centro-Sul brasileiro, atingia a 89% da área total até o dia 26/08, superando o patamar de igual período do ano anterior. A mesma está encerrada no Mato Grosso e São Paulo, e quase finalizada em Goiás. O Estado mais atrasado é o Paraná. Já o plantio do milho de verão 2021/22 chegava em 5,3% da área esperada no Centro-Sul brasileiro, contra 8% no mesmo período do ano passado. O Rio Grande do Sul, graças as chuvas da semana anterior, é o que mais avançou neste plantio. (cf. AgRural) Espera-se neste Estado um crescimento de área em 5% para o milho, embora no Centro-Sul geral o aumento de área esteja projetado em apenas 0,7%, passando a mesma para 4,38 milhões de hectares. (cf. Safras & Mercado e Fecoagro) No geral, há uma indefinição ainda entre os produtores, em torno dos custos de produção, na comparação do milho com a soja. No Sul do país, igualmente o receio com a incidência da cigarrinha preocupa os produtores e deixa dúvidas quanto a área a ser semeada com o milho. Esta praga vem provocando muitos estragos no cereal nos últimos tempos. Mesmo assim, a expectativa é de que a safra de verão de milho atinja a 25,5 milhões de toneladas em 2021/22, contra 21,6 milhões neste último ano. Em clima normal, e já considerando a futura safrinha 2021/22, projetada em 84,8 milhões de toneladas, espera-se uma produção final no novo ciclo produtivo ao redor de 110,4 milhões de toneladas. (AgRural) Isso significará um aumento de 33% sobre a frustrada safra atual, a qual deverá ficar um pouco acima de 80 milhões de toneladas. Por sua vez, analistas mais otimistas esperam uma colheita

total de milho em 2021/22 ao redor de 122 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Em relação à escolha entre semear soja ou milho, na maioria dos casos, neste momento, no Sul do país a vantagem é do milho. No Paraná, por exemplo, neste início de setembro, “o milho a cerca de R\$ 90,00/saco, para entrega entre fevereiro e abril de 2022, gera uma rentabilidade de 9 mil reais por hectare ao produtor, enquanto no caso da soja ele ganha 6.500 reais por hectare ao preço atual” (cf. AgRural). Mas é uma decisão difícil, pois além das pragas, há o fato de que a soja é mais resistente ao clima seco do que o milho.

Ainda no Paraná, segundo o Deral, a colheita da safrinha teria atingido a 82% da área nesta virada de mês, enquanto o plantio da safra de verão chegava a 3% da área esperada no dia 30/08.

Já no Mato Grosso do Sul, a colheita chegava a 70% da área, com a produtividade média sendo mantida em 52,3 sacos/hectare. Entre o início da safrinha e o momento atual, o volume a ser produzido neste Estado já foi reduzido em mais de 3 milhões de toneladas.

Por sua vez, no Rio Grande do Sul a Fecoagro atualizou seus cálculos de custo de produção do milho. Os números atuais, considerando uma safra normal, indicam um aumento de 52% no custo total deste ano, sobre o ano anterior. O custo total passou a ser de R\$ 7.653,15/hectare. Com isso, o produtor gaúcho do cereal terá que produzir 85,1 sacos/hectare para pagar o custo total, desde que o preço fique em R\$ 89,90/saco. A este preço, ainda assim o custo total de produção ficaria cerca de 22% por hectare menor do que o praticado na safra anterior. Todavia, se o preço recuar, a situação muda proporcionalmente para pior.

Em termos de mercado externo, segundo a Secex, o Brasil aumentou suas exportações de milho no final de agosto, alcançando um total de 4,3 milhões de toneladas no mês. Este total representa 119,3% acima do exportado em julho, porém, 30,6% abaixo do exportado em agosto de 2020.

Na importação, incluindo agosto, o Brasil já teria comprado 1,23 milhão de toneladas no corrente ano. A Conab continua estimando importações totais em 2,3 milhões de toneladas para este ano, enquanto a iniciativa privada chega a avançar um volume de 4 milhões.

Enfim, em setembro iniciam os leilões públicos de compra ou de remoção de estoque de milho realizados pela Conab. A proposta é de aquisição de até 110.000 toneladas, que seriam suficientes para atender a demanda do Programa de Venda em Balcão (ProVB) até o final do ano. O programa beneficia pequenos criadores de animais, inclusive os aquicultores.

Enquanto isso, no Rio Grande do Sul, a Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (SEAPDR) emitiu alerta fitossanitário para a ocorrência da cigarrinha do milho nas lavouras locais. O alerta é baseado em estudo desenvolvido pela Secretaria da Agricultura e pela Emater, sob a coordenação do Mapa, que juntas fizeram o monitoramento das lavouras de milho afetadas. E também nos relatos de

ocorrência recente da cigarrinha nas lavouras já nos estágios iniciais desta safra, no histórico de infestações da safra anterior e na previsão de poucas chuvas para o próximo período.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, recuou nesta semana, se aproximando do piso dos US\$ 7,00/bushel. Na prática, o fechamento da quinta-feira (02) ficou em US\$ 7,04, contra US\$ 7,25 uma semana antes. A média de agosto fechou igualmente em US\$ 7,25/bushel, subindo 9% sobre a média de julho. Em agosto de 2020 a média de agosto foi de US\$ 5,14.

A colheita do trigo de primavera nos EUA atingiu a 88% no dia 29/08, contra 71% na média histórica para esta data.

Por sua vez, as vendas líquidas semanais de trigo, safra 2021/22, dos EUA, na semana encerrada em 26 de agosto, atingiram a 295.300 toneladas, ficando 15% maiores do que a média das quatro semanas anteriores. Já os embarques de trigo efetivamente realizados, na mesma semana, foram de 417.100 toneladas, ficando 27% menores do que a média das quatro semanas anteriores.

Enquanto isso, o Conselho Internacional de Grãos, com sede em Londres, anunciou que a safra mundial de trigo 2021/22 ficará em 782 milhões de toneladas, com um corte de 6 milhões de toneladas sobre o anúncio anterior. Houve redução nas projeções de safra da Rússia e da América do Norte, em particular.

E aqui no Brasil, com a proximidade da colheita no Paraná, os preços do trigo cedem um pouco, embora a demanda continue firme. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 82,57/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 87,00 e R\$ 95,00/saco. Apesar das quebras na atual safra, devido as geadas e seca, espera-se, ainda assim, uma safra recorde de trigo no país. Para completar o quadro, nestes últimos dias o Real voltou a se valorizar, tornando as importações mais baratas em moeda nacional. Isso começa a fazer efeito sobre os preços no Brasil.

Particularmente no Rio Grande do Sul, moinhos e indústrias de rações estão fora de mercado. Os mesmos diminuíram as compras diante de um câmbio mais favorável à importação e à proximidade da colheita. Em Santa Catarina os compradores também se ausentaram do mercado. A perspectiva de uma quebra menor do que o calculado deixa o mercado menos tenso no momento. A questão é verificar o que, de fato, o Brasil colherá de trigo e em que qualidade.

Dito isso, no Paraná 47% do trigo estava em frutificação, com o início da colheita sendo esperado a partir de 15 de setembro. Neste momento, a safra nova paranaense, para outubro, apresenta comprador a R\$ 1.450,00/tonelada (equivalente a R\$ 87,00/saco), produto posto em Ponta Grossa, e vendedor sem opção de venda.

No Rio Grande do Sul, segundo a Emater, neste início de setembro 65% das lavouras de trigo estavam na fase de germinação, outros 27% em floração e 8% na fase de

enchimento de grãos. O retorno das chuvas, ainda na semana passada, interrompeu o ciclo de perdas que vinha ocorrendo devido a seca. Resta saber, agora, o quanto a falta de umidade prejudicou a lavoura tritícola gaúcha, lembrando que a colheita do cereal, neste Estado, apenas se dará no final de outubro e, particularmente, em novembro.